

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio do Povo

Class.: PROR 0001

Data 30/07/68

Pg.:

O EXEMPLO DE RONDON

(Especial para o "Correio do Povo")

MOZART PEREIRA SOARES

O abundante noticiário divulgado sobre atrocidades cometidas contra nossos silvícolas e as últimas comemorações da "Semana do Índio" abrem margem para reflexões sobre a admirável mensagem humanitária de Rondon.

Ao evocar o I Centenário dessa grande Vida-Epopéia, a Faculdade de Agronomia e Veterinária da nossa Universidade Federal, prestou-lhe uma singular homenagem: o Parque fronteiriço ao Centro Acadêmico, sob o qual estudam e meditam nossos futuros técnicos da terra, recebeu o nome de inolvidável indianista brasileiro.

Um placa de bronze, em pedestal de granito, recorda o evento, nestes dizeres: "Parque Rondon"

Ao insigne General da Paz Cândido Mariano da Silva Rondon, a nossa gratidão, no Centenário de seu nascimento, (5.5.65) pela obra integradora do Silvícola na comunidade brasileira, sintetizada em seus quatro imortais princípios:

I - Morrer, se preciso for, matar, nunca.

II - Respeitar as tribos indígenas como nações independentes, embora sociologicamente embrionárias.

III - Garantir aos índios a posse das terras que habitam, necessárias à sua sobrevivência.

IV - Assegurar aos índios a proteção direta do Estado, não como favor, mas como dever de assistência à Sociedade fetichista, que não pode competir com a tecnologia do civilizado".

Não se pense que as quatro regras de conduta acima transcritas constituam tão somente uma tirada romântica, ou que sejam fruto de um idealismo vago e inconsequente. Muito pelo contrário, elas emanaram de profunda meditação sobre o conjunto dos problemas de nosso silvícola, da reiterada observação de sua vida, do conhecimento sociológico de sua situação. Mais do que isso, foram devotadamente vividas pelo seu magnânimo autor, a rara natureza humana que reuniu, a um só tempo, três condições, cada uma das quais, por si só, seria suficiente para levá-lo à posteridade, como exemplo: a iluminação do sábio, a suprema bondade do santo e a indomável energia de um herói.

Nascido como se fora um predestinado, no coração geográfico do continente sul-americano, não confluiu em suas virtudes de duas grandes vertentes humanas: de ascendência luso-espanhola pelo lado paterno, corriam-lhe nas veias os três sangues indígenas de sua mãe, descendente de guanas, terenas e bororós.

Daí, talvez, esses dois traços marcantes de sua personalidade: tão singularmente generosa e enérgica: o idealismo ardente e o amor pela aventura, do temperamento ibérico, ao lado da constância e da tenacidade próprias da raça amarela.

Foi um enamorado desde a infância da paisagem nativa, a Sessmaria do Morro Redondo, no Distrito de Mimoso, Município

contrato, está prevista para dezembro próximo, Tramandaí terá resolvido o crônico problema de saneamento, cujas falhas tanto afligiam, não só sua população permanente, como, ainda, o incalculável número de veranistas que a frequentam, todos os anos, em suas férias. Está, portanto, de parabéns, a bela cidade balnear, de cujo progresso material, desenvolvimento econômico e expressão paisagística, tanto se orgulham seus habitantes e veranistas, o maior número destes últimos ali possuindo belas casas ou apartamentos em grandes edifícios cuja construção aumenta a cada dia, de modo a darem à cidade um aspecto urbanístico que a torna, sem dúvida, uma das maiores atrações turísticas com que contamos, notadamente pela substancial ampliação de infraestrutura que está recebendo.

A LUTA PELO TETO

O mundo vive, entre as suas grandes preocupações, a de proporcionar um teto digno para cada família. Quanto mais se multiplica, mais se faz intolerável a maloca, a favela, o cortiço, o pobre rancho de barro e palha. Ainda a hodierna Espanha é um exemplo notável da luta pela habitação condigna para todos. A Espanha de que com tanta frequência, "et pour cause", nos temos ocupado ultimamente. Durante o corrente ano, o grande país ibérico promoverá a construção de 247.000 vivendas de renda limitada e das quais 150.000 serão subvencionadas pelo Estado e as restantes constituirão os vários grupos que recebem ajuda e isenções fiscais. Quinze mil dos novos lares serão construídos nos "Polos de Promoción y Desarrollo" e nos pontos onde o Governo deseja combater mais ativamente o favelamento, nascido sobretudo da imigração.

Desde a criação do Instituto Nacional de Vivendas, a maior parte das habitações espanholas é construída com benefícios concedidos pelo Estado, o que não seria surpreendente, se os números não fossem tão expressivos. Mas a verdade é que, para a Espanha, construir cerca de um quarto de milhão de casas em um ano é algo impressionante: bem revela um esforço digno de admiração.

O Brasil entrou, nos últimos dois anos — depois de outros dois de vacilações e vedetismo — numa fase sobremoda positivamente, em matéria de política habitacional, mesmo com erros que essa ter, tido. Não será demais, portanto, que tratemos os nossos especialistas de conhecer a experiência espanhola, que parece rica, variada e inspiradora.

de Santo Antônio de Leverger, que ele evocaria, já quase centenário, como um "incomparável jardim na natureza, emoldurado de verdes morrarias, adornado de altaneiras buritizais"... como "o rincão pastoral mais belo da terra de Antônio João, do Brasil inteiro, quicá do Mundo".

Na liberdade daquele ambiente iniciou uma vida que seria das mais profundamente integradas na natureza, pela qual confessou sua ardente paixão: "em mim se desenvolviam, assim, naturalmente, os germens de todos os elementos do Sertanejo".

Foi dura a vida de menino órfão, nascido após a morte do pai, e que ainda perderia a mãe aos dois anos e meio apenas.

Precoce e temperada a temperar sua fibra no trabalho, em contato com as vicissitudes humanas que o cercavam, sem dúvida agravados pelos anos difíceis da Guerra com o Paraguai.

Já normalista em Curitiba, decidiu-se pela carreira das armas que a seu ver lhe permitiria servir melhor à sua Pátria, um ideal que vinha de sua ardente juventude. Engenheiro Militar, após curso brilhantíssimo, começou a vida com que tanto sonhara.

Em diversas missões e principalmente estendendo linhas telegráficas, palmilhou os mais remotos confins do Brasil desconhecido e onde chegou a encontrar grupamentos humanos que não tinham a menor notícia do "homem branco".

Um dos mais fascinantes relatos de uma pequena parte dessa maravilhosa façanha, está contida num dos mais belos livros de quantos se escreveram no Brasil, a "Rondônia", de Roquette Pinto, "livro que foi nascendo pelas quebradas úmidas das serras, pelos caminhos barulhentos dos rios, nos areais desolados" e onde se revela uma civilização fóssil no coração da América do Sul, naquele momento ainda vivendo em plena idade lítica.

Frente a documentos dessa natureza, podemos fazer uma idéia pálida do que foi a obra desse novo Apóstolo dos gentios que percorreu, rompendo selvas, pantanos e serrarias, distâncias continentais, a lutar com empecilhos de toda sorte, as doenças, a fome, os inúmeros perigos do desconhecido, os possíveis ataques dos índios, com justas razões desconfiados do branco que havia muito os maltratavam.

Em 1910, quando o então Ministro da Agricultura, Rodolfo de Rocha Miranda convidou a Rondon para chefiar o Serviço que se organizava de Proteção aos nossos indígenas, não apelava para um teórico, para um desconhecedor da realidade que iria enfrentar, mas para um autêntico mestre de Sertanismo, além de profundo conhecedor do estado social fetichico, em que se encontravam as populações selvagens do Brasil.

Em sua carta-convite, começava por fazer justiça quando escrevia:

"A espontaneidade da escolha do vosso nome para fomentar a direção da catequese que o Governo da República delibou emprender, é a consagração formal da conduta humanitária, generosa, que tanto vos recomendou a confiança do indígena, na longa e heróica jornada que realizastes, em zonas até então vedadas aos mais audaciosos exploradores".

"Quem, denodadamente, e com rara abnegação, sacrificou a sua quietude, a calma do lar, a sua própria vida, por bem servir a Nação; quem pôde fazer do indígena — na plenitude do seu domínio no seio da floresta, defendido dos artifícios da civilização pelas asperezas da vida inculta, um amigo, um guia cuidadoso, retine, sem dúvida, os requisitos de bondade, de altruísmo que devem caracterizar a campanha que há de redimir do abandono os nossos silvícolas e integrá-los na posse de seus direitos".

Rondon, ao aceitar a incumbência, respondia, através de uma verdadeira carta-programa em que demonstra cabalmente o seu domínio do assunto.

Foi seu pensamento expresso dar ao Serviço recém-criado um batismo que o definisse radicalmente e sugeriu este:

"Inspeção Federal de Proteção Fraterna aos Indígenas do Brasil".

Nessa carta, escrita a 14.3.1910, não só desce a detalhes preciosos, como ainda lembra a figura do Patriarca da Independência, seu verdadeiro antecessor na obra protetora, uma obra que exigiria constância, amor e sacrifício, no dizer do próprio José Bonifácio.

Ao formular a primeira das regras apontadas, Rondon deixou bem claro que considerava os "civilizados" como verdadeiros invasores das terras dos índios, que as habitavam desde tempos imemoriais e aí haviam desenvolvido sua cultura própria.

Por essa época os homens da selva já haviam sofrido quase quatro séculos de maus tratos e esbulhos por parte dos brancos, dos quais tinham só motivos de queixas, recriminações e desconfiança. Era necessário provar-lhes nossos intuitos pacíficos. Este ponto era a pedra angular de todo o edifício de proteção ao índio. Bem compreendendo sua eficácia, Rondon viveu-o inflexivelmente: certa vez alvejado pelas setas dos indígenas e portando uma carabina, apenas cobriu-se com esta, para inspirar a mesma conduta dos seus.

Destacou o prof. Moisés Westphalen, orador da aludida cerimônia do Centenário, o fato de que, ao instituir sua primeira regra de conduta "morrer, se preciso for, matar, nunca", exceção àqueles que se dispõem a lutar e matar na conquista da própria liberdade..." incapaz de oprimir e matar, pronto a morrer pela liberdade de outros povos".

Medita-se na transcendência política da 2ª regra: considerer uma tribo indígena como nação independente, ainda que sociologicamente embrionária.

Isso equivale a pregar não somente a coexistência pacífica, mas levar ao máximo grau possível a doutrina do respeito pela autodeterminação dos povos.

Que chocante contraste com a conduta de muitas nações modernas da mais alta responsabilidade no momento conturbado que vivemos.

Que lição para eles, muito especialmente se se considerar o acúmulo de bens materiais e culturais que empregam contra agregados humanos menos desenvolvidos, torna-se não apenas semeadoras de desgraças, mas as maiores criminosas pela transgressão da fraternidade universal.

Os dois últimos preceitos nasceram das necessidades práticas que Rondon tão bem constatou "in loco". De fato, não seria possível transplantar as verdadeiras horas fetichistas, que viviam no primitivismo mais rudimentar, para os quadros da civilização tecnológica, que eles não compreenderiam, nem assimilariam, como demonstraram tantas vezes, em contato com o branco.

Depois, é fácil entender que nenhuma nação em desenvolvimento estaria em condições de levar a bom termo uma empresa de tal envergadura, que equivaleria, praticamente, a criar-se outra nação. No caso dos indígenas do Brasil, segundo cálculos autorizados, eles atingiram a quase seis milhões de habitantes! Por último, ainda que isso fosse realizável, esbarraríamos noutro obstáculo que, por motivo humano, jamais deveríamos transpor: Rondon não se enganava e a história o tem demonstrado sobejamente: fora de seu quadro social próprio, as populações indígenas declinam e desaparecem, e só podem subsistir, dentro de seu contexto cultural.

Seria realmente uma tragédia arrancá-los da inocência em que vivem. entregues às manifestações mais espontâneas dos instintos coletivos, para instalá-los na vergonha com que o homem, dito civilizado, teima em enfeiar a verde e linda morada que lhe coube por destino. A essa conclusão melancólica chegou Rondon. Quem ainda não souber dar um destino à riqueza acumulada pelo suor das gerações, aos recursos industriais que deveriam ser destinados a generalizar o conforto e propiciar a felicidade a todos os homens, nada realmente tem para oferecer aos desprotegidos selvagens.

O Brasil parece agora estar despertando de um pesadelo, que sucedeu ao sonho bom da fraternidade para com os nossos irmãos das florestas.

A imprensa de Norte a Sul vem divulgando diariamente fatos que, agora sim, são dos tais "de estrearer": tribos inteiras envenenadas, infectadas, caçadas a metralhadora; índias penduradas de cabeça para baixo, de pernas abertas, depois divididas "ao meio", a facção, em sacrifícios piores que jamais nos matadouros.

Banidos pela sanha de inescrupulosos brancos, de seus territórios já delimitados por legislação especial, marcham inexoravelmente para a extinção, numa época em que se procuram proteger os recursos naturais, as jazidas minerais, e fauna e a flora.

E o homem que aí vive? Esse não conta para o civilizado sem entrâncias.

Resta, por fim, uma pergunta: Haverá coragem em nossos governantes e legisladores para enfrentar essa calamidade? Aguardemos.